



Histórias de Glória - e outros casos de Leitão¹

Luíza GLÓRIA²

Bruno LEAL³

Nuno MANNA⁴

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Histórias de Glória – e outros casos de Leitão é um documento que eterniza a família Glória e, inevitavelmente, sua cidade natal: Braúnas. Neste trabalho, coloco em prática os processos de apuração, investigação e redação jornalística, e assim, embora não na sua forma mais pura, apresento um resgate do passado contado por meio de fragmentos de história. A narrativa do documentário é tecida por meio da oralidade, característica fundamental no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: memória; história oral; narrativa; documentário.

1. INTRODUÇÃO

“Se não tiver passado, não existe história”. Essa frase foi dita, e repetida, por Zé Mariano, natural da Braúnas, principal cenário do livro *Histórias de Glória – e outros casos de Leitão*. Tal frase traduz o espírito de toda a obra: resgatar o passado, e com isso, escrever história.

O trabalho se baseia na busca pela construção da memória da minha família que inevitavelmente é também a memória da cidade de Braúnas. O enquadramento foi dado por mim: casos que envolvem a família, Glória ou Barros, que tiveram algum tipo de impacto para a Braúnas e seus moradores. Os fatos estão vivos nos habitantes. Cada um, a sua maneira, contribuiu com as lembranças do que foi vivenciado ou daquilo que ouviu contar, construindo, assim, fragmentos do passado. Este relatório especifica toda motivação, fundamentação e processo que resultou em um trabalho maior do que o esperado: um livro.

2. OBJETIVO

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro Reportagem (avulso).

² Aluno líder e estudante do 11º Semestre do Curso Comunicação Social, email: lolisgloria@gmail.com.

³ Orientador do trabalho Professor do Curso Comunicação Social, email: brunosleal@gmail.com.

⁴ Co-orientador do trabalho. Mestrando do Curso Comunicação Social, e-mail: nunomanna@gmail.com



Produzir um livro reportagem sobre histórias da família Glória e Barros de acordo com a memória dos habitantes de sua cidade natal - Braúnas.

- Realizar pesquisas de base para a definição dos diversos aspectos do livro;
- Levantar documentos que deem autenticidade aos fatos;
- Buscar fontes apropriadas que colaborem com o conteúdo do livro;
- Levantar imagens que ilustrem as histórias.

3. JUSTIFICATIVA

O Juca, meu tio, recentemente fez uma revelação para os irmãos: “O Padre José Augusto era pai da nossa avó Nhanhá!”. O Juca soube isso por intermédio de um senhor que, na época rapazinho, teve contato com o tal Padre. Se foi isso mesmo, isso foi no século XIX, e foi o que ele *ouviu* contar.

Considerando o fato de ter um padre tataravô algo muito peculiar, decidi investigar um pouco esse caso e conferir o que os antigos moradores da Braúnas tinham para dizer. Não precisei ir longe e descobri outros casos fascinantes, como a história da Celeste, a vida da Terezinha, o triste fim do Cassimiro. São histórias, que, com sua singularidade, provocam algum tipo de emoção no ouvinte, mesmo que não seja da família.

Deixar à mercê do esquecimento histórias como essas é algo que eu, como apreciadora do tragicômico e de boas histórias da vida comum, não poderia conceber. Além disso, resgatar e registrar essas memórias mitifica meus antepassados. Aproxima o épico da vida ordinária de um Glória (ou de um Barros).

Para realizar o resgate, fui à busca de fontes que pudessem relatar essas passagens e desvendar as lacunas que os familiares não puderam preencher. Esses casos, aparentemente de família, à família não pertencem: ninguém sabe dizer, ninguém participou, ninguém vivenciou. Quem tem ‘autoridade’ nesses contos são pessoas que viveram aquelas histórias e, de alguma forma, delas participaram. São pessoas que, mesmo se não a viveram, a receberam de herança.



Não são casos imaginosos (mas certamente têm sua pitada de criação). São fatos de vidas reais. Biografias de pessoas da vida comum, pertencentes a uma comunidade rústica, estruturadas em reportagens de tom documental, de forma não linear.

O ‘fazer jornalístico’, processo adquirido durante o curso de Comunicação Social, foi o instrumento usado para materializar essas histórias de tradição oral. Foram colocados em prática os tramites da apuração, edição, redação. O processo informativo foi conjugado com resoluções, tanto gráficas quanto textuais, para forjar uma identidade na narrativa: manter o caráter artesanal, tanto na estrutura oral quanto na linguagem. Fotografias complementam a estrutura física da obra, contribuindo para o efeito de real e dando cara aos locais e personagens.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1 – Narrativa

Contar histórias é narrar versões. É estabelecer relações, seguir uma direção e indicar uma solução. E é dessa forma que, segundo Leal (2006), as narrativas tecem experiências, que repercutem no cotidiano, transmitindo ensinamentos. A experiência seria, portanto, a fonte da narrativa, que se apresenta como uma atualização da memória.

No entanto, para Walter Benjamin (1993), a narrativa é uma arte em extinção. Isso porque, segundo o autor, a nossa faculdade de trocar experiências está cada vez mais em baixa, tendendo ao desaparecimento. A experiência que era passado de forma orgânica, se tornou frágil e automatizada, sem vestígios, resultando no empobrecimento da cultura.

A narrativa está vinculada à memória, que é o que possibilita a reprodução das histórias. Uma cultura que se baseia, em primeira instância, na forma narrativa está resguardando suas memórias, sem precisar criar métodos para autorizá-las e sem precisar levantar um quadro do seu passado. Os relatos “definem assim o que se tem o direito de dizer e de fazer na cultura e, como também eles são parte desta, encontram-se desta forma legitimados” (LYOTARD, 2006, p.42).

Silviano Santiago (1989) discorre sobre o narrador na pós-modernidade, em contraste com àquele clássico de Benjamin. Para Santiago, o narrador narra a experiência de dentro dela, ele pode ser também um olhar externo. Em Benjamin a narrativa “é a experiência proporcionada por um olhar lançado” (SANTIAGO, 1989, p.44), o que garantiria sua autenticidade. Sendo assim, tal característica na narrativa pós-moderna é discutível. Silviano Santiago, portanto, levanta a discussão sobre a presença da autenticidade também na informação obtida por meio da observação de um terceiro, por meio do “olhar externo”. Afinal, ao ouvir e observar, ele também está adquirindo a competência de narrar.

Para Santiago, a reportagem pode ser o conto: está ali o narrador (jornalista, típico narrador pós-moderno) para informar o leitor sobre o que acontece. O que está em jogo, na verdade é a maneira do narrar, não um novo tipo de experiência: para o narrador pós-moderno, a essência da narrativa é a outra. “A coisa narrada existe como puro em si, ela é informação, exterior a vida do narrador” (SANTIAGO, 1989, p.46). Nesse sentido, o narrador pós-moderno é o puro ficcionista, que tem de dar autenticidade a uma ação cuja experiência não lhe compete, e é o que caracteriza a segunda hipótese de trabalho de Santiago. A autenticidade, no final das contas, advém da verossimilhança. “O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem” (SANTIAGO, 1989, p.47). Se o problema é a ausência da experiência direta, essa passa a se relacionar ao olhar. O olhar do narrador pós-moderno se recobre de palavra e constitui uma narrativa. Nesse caso, o narrador identifica-se com outro observador: o leitor. Ambos são espectadores de uma experiência alheia.

O estatuto do narrador, qualquer que seja ele, é o de quem conhece. O que distingue os narradores é a forma em que ele se apresenta e o seu grau de conhecimento. Se o narrador é aquele que sabe a respeito daquilo que narra, Walter Benjamin (1993) e Lyotard (2006) associam este saber à sua experiência. Considerando a arte de narrar presente na nossa pós-modernidade, em *Histórias de Glória – e outros casos de Leitão* existem notáveis narradores. Representando o Narrador Clássico, aqueles que viveram e possuem a experiência legítima intrínseca à narrativa seriam, por exemplo, a Naná, que presenciou o momento da morte da Celeste e o João Costa, que estava na Pitanga no dia em que a fazenda pegou fogo matando o Cassimiro. O Seu Zé Fortunato e a Terezinha Teixeira seriam aqueles que adquiriram a competência de narrar ao ouvir tais casos: a transmissão da experiência possibilitou-os narrar. O autor da reportagem, essa que vos escreve, por outro



lado, seria o que Silviano Santiago chama de ‘narrados pós-moderno’. Um narrador com o olhar exterior que busca preservar esses outros narradores. *Histórias de Glória – e outros casos de Leitão*, entretanto, não é aquilo que Santiago chama de informação - o produto da narração pós-moderna-, mas é inspirado nela. Ao mesmo tempo em que está distanciado – afinal, não falo da minha história propriamente dita -, está também identificado. Dessa forma, o estatuto pós-moderno é paradoxalmente inserido em um olhar subjetivo - a escolha do tema é decorrente da minha ‘parte’ na família. Existe, portanto, uma aproximação que não deixa esse olhar ser completamente externo. Sendo assim, tal interesse em ouvir as histórias me aproxima dos narradores de Lyotard e Benjamin, aquele que adquire competência em narrar ao ser espectador. Encontro-me, portanto, num limbo: um narrador pós-moderno querendo ser um narrador clássico.

Para Benjamin, mesmo entre as narrativas escritas, as melhores são aquelas que se assemelham as histórias orais. No trabalho, foi feita a tentativa de se aproximar dessa linguagem sem desapropriá-las dos personagens. O fato de a narração ter encarnado à voz dos moradores da cidade oferece um olhar de dentro. Tal escolha livra a autora do compromisso com a objetividade e permite retratar o choque das versões entre as fontes, mostrando, assim, a riqueza da narração oral.

Outra característica da obra que mostra essa aproximação das histórias faladas é o encaixe de histórias, conceituado por Todorov, citado por Fonseca, como diversas “histórias encaixadas umas nas outras, de modo que se tem a sensação de uma cadeia de abismos, já que dentro de uma narrativa há outra e assim por diante” (TODOROV apud FONSECA, 2009, p.44). Na narrativa, a aparição de um nome desencadeia outra história, que compreende outra, e assim por diante. Tal construção em abismo possui tom vertiginoso em que o leitor sente-se perdido em relação ao lugar onde ele se situa na narrativa. A interrupção do processo é arbitrária, e então se retoma as histórias interrompidas. Uma saída gráfica para representar esses contos que puxam outros, no trabalho, são as grafias em marrom: interferências na grande narrativa.

4.2 – Memória e história oral

Narrar memória é falar de um tempo passado. A memória de um lugar, de um povo, é feita de várias histórias. Atualmente, como colocado por Luciana Fonseca em seu estudo



sobre memória e narrativa, passou-se a considerar como sujeitos históricos os homens que fazem a história do presente. “O homem ordinário passou a ter voz e a ser ouvido como agente da ação social, sujeito que faz a história” (FONSECA, 2002, p.29).

O testemunho, a biografia e a narrativa começaram a encontrar espaço na historiografia em decorrência dessa nova metodologia: a história oral. Como apresentado por Montenegro (2007), a medida que esses depoimentos são registrados e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares tem das suas vidas no mundo ao redor. Sendo assim, nessa nova metodologia de se fazer história, as fontes são relatos orais de pessoas comuns e suscitam reflexões de temas referentes ao passado. Entra em cena, portanto, a memória.

Para sustentar *Histórias de Glória – e outros casos de Leitão* apropriei da visão ampla de Montenegro (2007), compartilhada também por Jacques Le Goff, que acredita que a memória contém os elementos básicos para a construção de uma outra concepção histórica. Além desses, o famoso historiador Hobsbawn também acredita na força da história oral feita pelo povo. Para o historiador essa é uma ferramenta que nos possibilita relacionar o vivido com aquilo que a história oficial estabelece.

No meu trabalho, a autenticidade se apóia nas falas das fontes. A ‘estória’ e a história se afirmam (quase que) só por meio de relatos de gente comum. Mesmo acontecendo diferentes versões sobre um mesmo fato, cada uma delas é uma verdade autenticada, formando assim, um conjunto fragmentado e paradoxalmente sólido.

De acordo com Fonseca (2009), quando falamos em memória, uma parte sua tende ao domínio individual, como a experiência passada, que se mistura à experiência presente daquele que recorda. Cada memória individual é um ponto de vista do coletivo. Consequentemente, a memória individual estaria amarrada à do grupo e esta a uma esfera ainda maior, a memória coletiva de cada sociedade.

Considerando que “lembrar” é associado ao “esquecer”, a memória se apresenta escorregadia. Como colocado por Montenegro (2009), as mudanças na memória tornam o campo da história oral extremamente fugidio. Dessa forma, como apontado por Fonseca,



não haveria uma memória pura do passado, mas fragmentos deste, mobilizados por interesses do presente.

5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Os casos já eram do meu conhecimento, mas de forma enumerada. Não sabia quem eram as pessoas, as relações familiares, e todo o desenrolar dos fatos. A primeira preocupação, portanto, foi: Quem conheceu bem os Glória e os Barros que saberia desfragmentar as raízes? Quem poderia saber desses casos das famílias? Quais minhas possíveis fontes?

A pesquisa prévia pôde ser realizada com os familiares mais próximos: minha mãe e meus tios, que moraram ou ainda moram na Braúnas. Imediatamente consegui listar nomes de pessoas que, de alguma forma, eram envolvidos em alguns dos casos e eu poderia procurá-los.

Sobre a Braúnas, uma visita à biblioteca de lá não foi de muito resultado: pouca coisa eles tem sobre a cidade⁵. Sendo assim, a melhor fonte foram mesmo os moradores. Fiz uma busca (com os próprios moradores) sobre os antigos periódicos que circulavam na cidade e sobre algum tipo de repercussão da Braúnas na grande mídia.

O cartório da Braúnas foi outro instrumento de pesquisa. Dois dias de busca nos livros antigos, sem muita organização e datas, foram suficientes para encontrar as certidões de nascimento e casamento de Nonô e Maria (que informam os nomes completos dos pais e dos avós, maternos e paternos), as certidões dos irmãos de Maria e de outros familiares de Nonô. Além do valor próprio de cada um desses documentos, os mesmos indicaram boas pistas sobre onde procurar informações sobre as famílias anteriores a essas.

5.1. O processo

As entrevistas foram feitas em três etapas. Primeiro, com a residente em Belo Horizonte: a Dona Cilica, antiga vizinha de frente da casa do Nonô e Maria e muito amiga da família Barros. Essa entrevista foi base para entender as relações familiares dos personagens envolvidos nas histórias.

⁵ O documento sobre a Braúnas encontrado na biblioteca da cidade foi um texto intitulado “Braúnas 176 anos de história”, sem autor ou quaisquer informações.



Logo em seguida, na segunda fase, fiz minha primeira viagem para chegar às outras fontes: Braúnas e Mesquita. Minha primeira estadia foi de sete dias e consegui conversar com o Zé Mariano, braunense nascido em 1923, interessado no próprio passado e no da cidade; com o João Costa, o Zé D’Onório e o Zé Joaquim, agregados do Nonô na fazenda Serra Negra, onde ainda moram; o Cici, o único Glória que consegui localizar que sabe falar um pouco sobre o Major e a sua família – na conversa estava presente também o seu irmão, o José; e a Naná, amiga da Maria Celeste que presenciou o momento da morte da moça.

Na terceira fase, dez dias na Braúnas e em Virgíópolis foram imprescindíveis para me aproximar do objeto, conhecer os locais citados pelas fontes e entrevistar outras pessoas, como a Ruth, esposa do Gutito após a separação do rapaz com a Terezinha; o Didi, sobrinho da Terezinha e pai do sobrinho-neto que manteve contato com ela na época em que morreu; a Terezinha Teixeira, muito amiga dos Barros e filha do melhor amigo e confidente do Padre José Augusto; o Zé Fortunato, ex-vizinho dos Leitão e da Dona Josefa.

As entrevistas foram longas conversas. Num tom (e ambiente) humilde e mineiro, passei um período do dia com cada uma das fontes, escutando tudo o que tinham para me falar. Como era de se esperar, com alguns rendeu memória pra coletâneas, mas com outros, só alguns pontos de lembranças, muitas vezes pertinentes. Mas, infelizmente, nem todo o passado era algo de se contar com alegria. Alguns pontos das histórias não foram bem recebidos, e por isso foram desconversados.

5.2. O Suporte

O objeto livro foi realizado com a colaboração do estudante de Design Gráfico e Publicidade e Propaganda Augusto Molinari. O tamanho A5 foi o mais indicado, tanto pela praticidade móvel quanto pelo valor econômico de impressão. A intenção era deixar o livro com uma diagramação limpa, indicando simplicidade. A ideia é que o produto final remetesse a uma forma ‘artesanal’ de comunicação, assim como é a narrativa, segundo Benjamin (1993)⁶.

⁶ Benjamin coloca a narrativa como forma artesanal de comunicação ao apontar que assim como no trabalho artesanal, a marca da experiência do narrador fica na narrativa (2003).



Os textos em marrom, de diagramação diferenciada, são aqueles que se aproximam, ainda mais, da linguagem oral. A solução gráfica remete ao ritmo e ao tom da fala, como no início de cada texto, que a palavra começa grande e vai se ajustando a um tamanho padrão. Nas entrevistas, ao começar a narrar os casos, as fontes começam falando um pouco mais alto, e depois o tom se estabilizava.

6. CONSIDERAÇÕES

Com muito empenho essa etapa do levantamento da memória da minha família foi concluída. Acredito que o resultado foi satisfatório, tanto no conteúdo quanto na forma. Refazer a presença de nossos entes passados é, de certa forma, negar-lhes a morte. É tarefa em que continuarei a trabalhar, aprofundando cada vez mais no tempo e nas minhas raízes.

Com o trabalho concluído, posso dizer que resgatar memória de família é também falar da história no Brasil. Afinal, retratei uma época em que se podia comprar a patente da alta e baixa hierarquia do exército. Falo de um tempo em que mulher não escolhia o marido, casava nova e a mando do pai. Remeto a um passado em que os pais que tinham condições mandavam os filhos estudar em colégios internos. Era comum ter arma em casa, e os assuntos pessoais se resolvia na bala. Resgato os anos em que o transporte era feito por animais. Viajava-se quilômetros a fio no lombo de uma mula. A média, por casal, era de 10 filhos e tirar foto de um defunto em seu enterro era mais comum que fotos em vida. E vou contando...

Certamente, *Histórias de Glória – e outros casos de Leitão* é mais que uma reportagem. É a imortalidade de pessoas do mundo comum traduzidas em palavras e imagens. É experiência que funda histórias. E são histórias de outras pessoas que constituem a minha própria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In Obras escolhidas vol. I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993 a, p.197-121.



BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: Obras escolhidas vol. I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993 a, p.114-119.

FONSECA, L. **O Jogo dos Vestígios: Narrador, experiência e memória a partir de Narradores de Javé**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

LEAL, Bruno. **Saber a narrativa**. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.19-27.

LYOTARD, Jean-François. **Pragmática do saber narrativo**. In *A Condição Pós-moderna*. 9. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p.35-43.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: A cultura popular revisitada**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **O narrador pós-moderno**. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.44-60..

FONTES CONSULTADAS

BRAÚNAS 176 anos de história. Mimeo.

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE BRAÚNAS.

CORREIO BRAUNENSE. Braúnas, março, 1981; dezembro, 1982.

O PAPAGAIO. Braúnas, abril, 1969.